

# PRIMEIRO DE-GRAU

Breque.

O senhor não pode subir por aí... O que está acontecendo? Não sei... Ah! Parece que tem um velho parado na porta de trás e não quer descer... Subir pela porta de trás, vê se pode, um velho dessa idade fazendo uma coisa dessas... Ele não qué pagá?... Pô vovô é só tirar a carteirinha... Desce não tiozinho, esse motorista é forgado...

Olhei para trás... Entre os passageiros consegui captar um velho, sério, creto, olhando apagadamente para quem sabe o quê...

Subo por onde devo subir, por onde tantas subidas quanto rugas já marcaram indelevelmente meu rosto amarrotado. Por que mudar? Acaso meus pés quererão uma trajetória contrária? Impossível. Eu a escolhi... Escolhi quando pela primeira vez minha mãe me iniciou nessa arte e, segurando minha mão me conduziu por degrau semelhante, ainda num bonde. Reescolhi esse degrau, quando, folgazão ou emburrado, refazia o ritual junto com meus colegas de *gimnasium*... Ah! Reescolhi tantas e tantas vezes... Nos primeiros olhares curiosos às canelas das moças que subiam a frente, mais tarde nos olhares furtivos às próprias moças. E, quando tanto as canelas quanto suas donas já não se faziam mais segredo, escolhemos juntos, eu e Sofia, subir esse mesmo degrau e a ensinar nossos filhos caminho análogo... Se hoje sobem ou não eu não sei, eu não sei, Sofia com certeza não mais...

Tio... TIOOOOO!!! O Senhor tá dormindo... Puta Merda! O Senhor não pode subir por aí, é pela outra porta... Trocaram as catraca pra esses trombadinha não viajá sem pagá, agora tem que entrá pela frente e descê por trás... Vamo tio, que eu tô atrasado...

Trocaram as catracas, e eu com isso! Por acaso não andavam sem pagar nos bondes? Ganância idiota de pegar meras quimeras de uns pobre-diabos, ou da molecada travessa que atravessa a ordem estúpida de uma dita segurança pública... Trocaram as catracas... E eu devo trocar minha escolha? Deixar todos

os olhares, canelas, uniformes, amigos, filhos, Sofia e minha mãe estatelados aqui no primeiro degrau enquanto traíçoira e asceticamente entro pela porta da frente? – Eu não desço, falou o altivamente velho, enquanto se agarrava com firmeza às barras-corrimão.

Então o ônibus não segue, gritou o motorista.

Começou, então, uma algazarra dentro e fora do ônibus. –Desce aí, tio, gritou alguém. Ao meu lado uma senhora gorda comentou: Eu não sei como eles deixam esses velhos andarem por aí à solta, eles são tão perigosos, o senhor não acha, por exemplo, meu pai... Esqueci a senhora, que agora falava pelos cotovelos. Todos tinham uma ou a mesma opinião a dar e a davam sem se importar se eu os queria ouvir...

Lá fora. O trânsito engarrafou-se. O mero instante de espera, agora mais demorado, impacientava os motoristas, que não sabiam o que fazer com a suspensão momentânea de suas vidas temporais, como quando se espera o clic fotográfico imortalizante que nunca vem. Vista aqui de cima, a cena era esta: moscas ao papel colante. Impossibilitadas de se moverem, a não ser ao redor, os motoristas próximos ao ônibus escapavam de seus veículos para se achegar àquele ponto irregular. O ônibus estava tomado.

Alguns homens começaram a gritar – Tira esse velho daí, outros protegiam-no. Não sei bem como começou, mas a causa, como se apurou mais tarde, foi um vidro quebrado. O fato é que, diante daquele barulho incompreensível, as pessoas, ameaçadas, provocaram, como num efeito em cascata, sua multiplicação. Quando a última pessoa desceu do ônibus, a exceção do velho, o carro estava totalmente danificado – não havia uma só janela intacta, os bancos estavam ou quebrados ou rasgados, ou ambas as coisas, os pneus murchos, a lataria amassada em vários pontos, e o velho...

Quando os policiais chegaram, o velho estava semidesfalecido, as unhas encravadas nas mesmas barras, com escoriações leves pelo corpo. De seu ângulo, com a porta aberta para a rua, pude observar a multidão, de repente individualizada e murcha, passar respeitosamente diante do velho. Com a cabeça baixa, lançavam um olhar rápido e tímido por entre as sobranceiras, para depois, rapidamente, escorrer para seus carros, ou para o ponto de ônibus mais próximo.

O velho imaginou estar vendo seus vizinhos, que em sua infância estariam ali para ajudá-lo ou confraternizá-lo. Lembrou-se, então, da vez em que Nhô Alfredo perdeu a memória e sua mãe mais uma multidão se arrodaram dele até que Sinhá chegasse... Sinhá chegasse foi seu último pensamento antes que a polícia, entrando pela mesma porta que o velho entrou, serrasse as barras e o expelisse para fora do carro.

Um guincho levou o ônibus. As preocupações cotidianas levaram os carros. Os outros ônibus, as pessoas. Notei, aqui de cima novamente, que passageiros impurezas escorregavam cena afora, como se tivesse sido agitada. Pude observar, cada vez com maior nitidez, o que restou da foto inicial: essa imagem amarela que ainda figura no meu álbum – a imagem apagada do homem, de um velho homem, do velho ali sentado na calçada.